

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE DIREITO E CIÊNCIAS DO ESTADO

JOÃO VICTOR BARROS MATIAS

**CULTURA, CIVILIZAÇÃO E ESTADO:**  
RELAÇÕES ENTRE TRÊS DOS MAIS IMPORTANTES  
CONCEITOS DA MODERNIDADE

BELO HORIZONTE  
2022  
JOÃO VICTOR BARROS MATIAS

**CULTURA, CIVILIZAÇÃO E ESTADO:  
RELAÇÕES ENTRE TRÊS DOS MAIS IMPORTANTES  
CONCEITOS DA MODERNIDADE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado à disciplina Defesa de TCC na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Estado.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Borges Horta  
Área de análise: Estudos Estratégicos

BELO HORIZONTE

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Essa jornada não se explica em definitivo. A cada ano, vem tomando um significado diferente. Tenho, hoje, a ciência que não é sobre como ela começa, mas como ela termina. A Graça salvadora de Jesus Cristo me permitiu chegar até aqui vivo, lúcido e a cada dia mais consciente. Agradeço, por isso, primeiramente a Deus, pelo dom da vida, da graça e da razão.

A Marcelo Capreta Matias e Sheila Lobo Barros, agradeço pelas mãos cuidadosas, pela preocupação de sempre, pelo carinho que se depreende disso e pelas muitas horas de trabalho dedicadas à nossa família, em especial a mim e à minha irmã Maria Eduarda Barros Matias.

Faço questão de registrar e, portanto, trazer à memória, o fato de que encontrei, no sagrado do lar, pessoas que em momento algum desistiram de mim ou deixaram de acreditar na minha capacidade. Tenho a consciência de que isso é um grande privilégio, e por ele sou grato todos os dias.

Nesse mesmo íterim, agradeço a Karina de Matos Tavares, pelos longos anos de um relacionamento não apenas longo, mas frutífero. Agradeço pelo exemplo que inspira e pelas palavras que encorajam.

Agradeço ao meu caro Prof. Orientador, Dr. José Luiz Borges Horta, líder fraternal e mente brilhante que, ao lado do também iluminado Prof. Paulo Roberto Cardoso, me guiaram nesses anos na Vetusta Casa de Afonso Pena, ajudando a trilhar os caminhos da Razão.

*"Cultura é uma dessas raras ideias que têm sido tão essenciais para a esquerda política quanto são vitais para a direita, o que torna sua história social excepcionalmente confusa*

*e ambivalente."*

**Terry Eagleton**

## **RESUMO**

Cultura, Civilização e Estado são conceitos que, durante a Modernidade, estiveram no cerne do pensamento científico e filosófico. Expressões da essência humana, revelam o caráter demiurgo do Homem, preso num lugar indefinido entre o sagrado e o profano, o eterno e o perene. As disputas pela significação de cultura e civilização são, ironicamente, fenômenos culturais que revelam o embate entre as principais civilizações modernas, que, na contemporaneidade, reverberam nas disputas culturais e no choque das civilizações.

**PALAVRA-CHAVE:** Cultura; Civilização; Estado.

## **ABSTRACT**

Culture, Civilization and State are meanings which, by the Modern Age, were the central point of the scientific and philosophic discussion. Expressions of the human essence, they show the men as an animal stuck in the gap between sacred and profane. The dispute for the accurate meaning of culture and civilization are, ironically, cultural phenomenons that reveal the clash at the world's stage.

**KEYWORDS:** Culture; Civilization; State.

# 1 O CONCEITO DE CULTURA

Cultura é um vocábulo que já nasceu com uma multiplicidade de significados. A partir do eixo do imperativo da racionalidade humana, de onde todos partiram, as significações dessa palavra, ao mesmo tempo tão cara e tão desvalorizada, espelham a própria essência do ser humano.

“que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares”. (*Salmos, 8, 4-8*)<sup>1</sup>

O homem, ao longo dos tempos, expressou sua vocação para o divino e o racional, tendo por óbvia e pressuposta sua ligação com a natureza enquanto peregrino ser vivo. Seja pela via da crença religiosa, da nobre atividade filosófica ou da ciência pretendida como pura, o homem sempre afirmou sua natureza dialética, se situando entre extremos.

Somos uma oscilação, entre a alma, sagrada e imortal, e o corpo, peregrino e profano. Somos dotados de razão e, portanto, dos dons da ciência e da filosofia, que nos permitiram instrumentalizar a natureza, mas dela não conseguimos nos separar.

Para Comparato:

“A Bíblia apresenta, pois, o homem como situado entre o Céu e a Terra, como um ser a um só tempo espiritual e terreno.” [...] “Ora, a verdade - hoje indiscutível, de resto, no meio científico - é que o curso do processo de evolução vital foi substancialmente influenciado pela aparição da espécie humana. A partir de então, surge em cena um ser capaz de agir sobre o

---

<sup>1</sup> *Bíblia Sagrada*. Salmos, capítulo 8, versículos 4-8. YouVersion, 2022. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/1608/PSA.8.ARA>>. [Acesso em 18/07/2022].

mundo físico, sobre o conjunto das espécies vivas e sobre si próprio, enquanto elemento integrante da biosfera."<sup>2</sup>

O conjunto dos significados de cultura são como a essência do homem. O imperativo de racionalidade transformou o fenômeno de produção de alimentos pela natureza, ordenando e instrumentalizando-o. Para Eagleton, “o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado de natureza”<sup>3</sup>. Cultivando o que cresce na natureza, dela nos apropriamos e, a partir daquilo que é inteligível, de forma ordenada, transformá-la. Dessa forma, estamos circunscrevendo as lavouras, algo substancialmente natural, no conjunto das obras humanas.

Tomando a agricultura por ponto de partida, uma atividade tão antiga e elementar, o homem foi, a passos cada vez maiores, alargando o conjunto de suas obras. Ao tempo do surgimento da teologia, da filosofia, da música e das inúmeras atividades humanas, o homem passou a dedicar seu imperativo de racionalidade não mais apenas a atividades materiais. A intelectualidade de um ser passou a interpretar, refletir e julgar a intelectualidade de outrem. Sócrates, interessado nesse fenômeno, desenvolveu o conceito de *maiêutica*, por exemplo.

Cultivar, então ganhou o sentido também de cultivo do espírito. Enquanto o vocábulo *natureza* nos remete à nossa ligação com a dimensão material, o vocábulo *cultura* nos remete ao que nos diferencia dela.

O cultivo da natureza tem um horizonte insignificante de possibilidades se colocado em perspectiva com o cultivo do espírito, na proporção daquilo que é natural em perspectiva com a gama, com a magnitude do conjunto do que é inteligível. Assim foi que um conceito antes majoritariamente usado para questões materiais passou a um conceito de muito mais significados abstratos, alguns deles discutidos na presente tese.

---

<sup>2</sup> COMPARATO, Fábio. *A afirmação histórica dos Direitos Humanos*. São Paulo, *Revista e Ampliada*, n. 3, ano 2003.

<sup>3</sup> EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 1943. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – São Paulo, Editora UNESP, 2005. p.9.

Em Horta e Maciel, cultura era *cultura agri* e *cultura animal*, expressões latinas das quais derivaram, respectivamente, agricultura e cultura, como no uso comum da palavra<sup>4</sup>, isto é o cultivo do espírito, enquanto negativo dialético de natureza. Esse fenômeno se dá pela educação, pela instrução, pelo desenvolvimento da capacidade intelectual e moral do homem, o processo de cultivo ou de aperfeiçoamento das capacidades humanas.

Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Espírito (Geist)* é a mente humana e seus produtos, a totalidade do processo de formação de um povo<sup>5</sup>. É importante ressaltar a essa altura, para efeito de temas que permeiam esse e outros debates a serem travados, a descrição das dimensões do Espírito nessa filosofia.

Explica o autor alemão que essa totalidade, o Espírito Absoluto, que se reconhece em si mesma no momento final, na verdade, é a soma do Espírito Subjetivo e do Espírito Objetivo. O primeiro é a dimensão psicológica e individual de cada pessoa. Único, ele é a unidade básica e irreduzível do todo. O segundo, por sua vez, é a personificação da reunião das muitas unidades. O Espírito Objetivo atua como um só corpo inteligível, que opera e se materializa nos costumes, nas leis e nas instituições. É, portanto, a síntese do mundo da cultura e a antítese de natureza, tal qual o sentido moderno de cultura se estabeleceria.<sup>6</sup>

Etimologicamente, via o latim *cultus*, que viria a ser “culto”, o vocábulo cultura ganha também um teor religioso, próximo à noção de transcendência e de verdade absoluta<sup>7</sup>. Esse caráter evoca também a noção de coletividade, da reunião de um grupo de pessoas.

“É, assim, tanto no pessoal como no social: a cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado. Com efeito, é o despontar do reconhecimento de que isso não é possível que ajuda a deslocar cultura de seu significado individual para o social.”<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> HORTA, José Luiz Borges; RAMOS, Marcelo Maciel. Entre as veredas da cultura e da civilização. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Filosofia, ano 58, n° 233, jul-dez/2009. p. 238.

<sup>5</sup> HORTA, MACIEL, op. cit., p. 240.

<sup>6</sup> INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 118-119. apud. HORTA, MACIEL, op. cit. p.240

<sup>7</sup> EAGLETON, op. cit., p. 10.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 21.

As verdades absolutas, que são ao mesmo tempo fundamento e produtos da religião, têm, por natureza, tamanha força que atingem toda a coletividade, gerando efeitos “tanto para os crentes quanto para os que desafiam essa hegemonia natural ao ser humano [a religião]”. Os dogmas, os tabus e os fins éticos de um povo, conscientes de sua mortalidade como animal e espiritualidade como ser cultural, produzem, ao longo da história, sua religião.<sup>9</sup>

Esse caráter coletivo da cultura, religioso e social, muitas vezes são dados do conceito aos seus objetos, aos produtos da mente humana, contribuindo sobremaneira para fortalecer o elo coletivo entre os indivíduos.

*Cultura* ganhou um novo significado com o advento do romantismo alemão do século XIX. Hegel e Kant, que influenciaram sobremaneira a filosofia do século anterior, preferiam a palavra *Bildung* para se referir ao que descrevemos como *cultura animi*. Johann Gottfried von Herder (1744–1803), a seu tempo, construiu uma abordagem histórica para o conceito em questão, na qual apresentava como o cultivo do espírito e a negação da natureza tinham como resultados os costumes de um povo. Apesar da profusão da nova acepção na filosofia alemã a partir de então, foi um antropólogo inglês quem primeiro se ocupou de definir *cultura* como costume.

“Cultura ou civilização, tomadas em seus sentidos etnográficos, é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e várias outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem, enquanto membro da sociedade.”<sup>10</sup>

Os costumes, a religião, a cultura em si e a própria natureza tem um parâmetro em comum: todos são constituídos por regras. Seguindo a dicotomia entre o natural e o culturalmente produzido, já explicitado nesta tese, as regras humanas se diferem das leis da natureza na medida em que essas últimas são intransponíveis. É a racionalidade que cria as regras e, como dito, é intrínseco a esse fenômeno que esse imperativo humano incida sobre

---

<sup>9</sup> CARDOSO, Paulo Roberto. *Diatética Cultural: Estado, soberania e defesa cultural*. Belo Horizonte, 2016. p. 104. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ABDGJU>> [Acessado em 08/02/2022].

<sup>10</sup> HORTA, MACIEL, 2009, p. 241, apud TYLOR, Edward Burnett. *The origins of culture*. New York: Peter Smith, 1970. p.1

um anterior, sobrepondo-se e mudando no tempo. Ao fenômeno da produção e da análise daquilo que é inteligível, é inerente uma aplicação e uma interpretação criativa das regras.

Nesse sentido, explica Eagleton:

“O seguimento de regras não é uma questão nem de anarquia nem de autocracia. Regras, como culturas, não são nem puramente aleatórias nem rigidamente determinadas – o que quer dizer que ambas envolvem a ideia de liberdade. Alguém que estivesse inteiramente eximido de convenções culturais não seria mais livre do que alguém que fosse escravo delas. A ideia de cultura, então, significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro.”<sup>11</sup>

Entre as muitas tentativas de definição do vocábulo, bem como entre suas abordagens filosóficas, fica evidente a relação entre cultura e História. Ela se revela tão mais evidente quando colocamos em perspectiva, novamente, o material e o espiritual. Enquanto nossas características físicas e nossos sentidos mais primitivos são passados pela via genética, o conhecimento não é transmitido por outra via senão a histórica. Outrossim, se dessa forma não o fosse, cada uma das gerações humanas teria de desenvolver seus próprios meios rudimentares de produzir fogo.

Dado objetivo, a cultura é aprendida e ensinada por meio da educação, que grava, em cada geração, os modos de vida, os costumes, a ética, os símbolos e os valores da tradição na qual nos inserimos. Esta, por sua vez, consiste numa seleção de proposições lógicas e de técnicas, em regras de raciocínio e de produção material, selecionadas durante o curso da história a partir das suas crenças e valores. A cultura, portanto, apresenta, ao mesmo tempo, um caráter tanto descritivo quanto valorativo.

O imperativo de racionalidade humana nos permite, através da história, aprender e transmitir os conhecimentos adquiridos, além de, por meio da capacidade criativa, transformar e aprimorar os meios. O conjunto desses conhecimentos cria a herança social

---

<sup>11</sup> EAGLETON, p. 13-14.

de um povo, que a organiza e dela se constitui, criando para si um modo de vida único, fruto de um processo de acumulação e transformação contínuos.

A sucessão das regras, sejam elas técnicas de produção ou padrões éticos e morais de conduta, contam a história de uma cultura e, assim, de um povo. Os costumes, as leis e as instituições são, igualmente, a manifestação do Espírito Objetivo no devir da História. A cultura, portanto, “compõe-se de um conjunto de atributos e produtos transmitidos através das gerações, num processo de acumulação e evolução social, que só pode ser compreendido numa perspectiva histórica”.<sup>12</sup>

Essa gama de sentidos inseridos no bojo de um mesmo vocábulo evidencia a sua complexidade, justificando-se ao mesmo tempo como objeto e pedra angular da presente tese. Como se não bastasse ter desde a sua origem dois significados já importantes, *cultura* ainda foi objeto de estudo da Filosofia e da Antropologia moderna, as quais somaram a ela significados e agregaram vital importância. Como veremos, o conceito e suas derivações, a partir da Modernidade, se encontram no centro dos principais embates geopolíticos.

Cumprir dizer que todo o desenvolvimento dos significados do vocábulo explicitados se deu até meados do século XX, há algumas décadas, portanto. Ocorre, entretanto, que a partir da Antropologia contemporânea, com o advento da pós-modernidade, assistimos a um inchaço dos conceitos de cultura. Entre os extremos de conceitos terminantemente vagos por sua amplitude e inutilmente restritos, o que se tem, na verdade, é um esvaziamento de significado.

A tomar por exemplo Raymond Williams (1921–1988), o renomado teórico da cultura e sociólogo inglês propôs algumas definições de cultura, entre as quais recortamos quatro. São elas: (i) a ideia de um padrão de perfeição; (ii) o conjunto das nuances formado por uma disposição mental individual, o estado de desenvolvimento intelectual de toda uma sociedade, as artes e o modo de vida total de um grupo de pessoas; (iii) uma “estrutura do sentimento”, ao mesmo tempo definida e impalpável; e (iv) o conjunto da organização da produção, a estrutura da família, a estrutura das instituições

---

<sup>12</sup> HORTA, MACIEL, p. 243

que expressam ou governam as relações sociais e as formas características pelas quais os membros da sociedade se comunicam.<sup>13</sup>

Essas definições se amontoam em um grande volume e, por mais que sejam densas em sua aparência, elas terminam por englobar tudo o que não é natureza. Essa, inclusive, é uma definição tão possível quanto estéril, sendo impossível depreender dela qualquer utilidade. Na tentativa de fazer uma abordagem descritiva de cultura, a pós-modernidade terminou por criar definições, se não vazias, estéreis.

Por outro lado, uma abordagem valorativa do conceito parece ter muito a contribuir. Clifford Geertz (1926-2006), antropólogo estadunidense, explica:

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa em busca do significado.”<sup>14</sup>

A mera descrição do que é cultura, portanto, ainda que fosse possível, fica vazia de sentido. No entanto, o que ganha notável relevo é o significado que um elemento assume no seio do conjunto em que está inserido, bem como os valores daquele conjunto que ele nega ou corrobora.

## 2 CULTURA E CIVILIZAÇÃO

Um dos significados populares mais difusos de *cultura* toma especial relevância pelos inúmeros desdobramentos para a geopolítica, e portanto para a História, que permearam esse processo. Cumpre lembrar, como supracitado, que a primeira definição de cultura, por exemplo, coloca os termos como sinônimos, além do fato de ambas carregarem a noção de desenvolvimento.

Etimologicamente, passando pela ideia de costumes, *cultura* toma conteúdo de "civilidade" e, mais adiante, de "civilização". Civilidade é a qualidade do *cives* (cidadão) que, atuando na vida civil da *civitas* (cidade), assim o faz pelo atributo da *civilitas* (cidadania). Ser civilizado é um juízo axiológico, em que o cultivo do espírito floresce não

---

<sup>13</sup> EAGLETON, p. 56-57.

<sup>14</sup> HORTA, MACIEL, 2009, p. 245, apud GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.15.

apenas no conhecimento inteligível, mas gera frutos também nos costumes, nas maneiras civilizadas de ser. É, portanto, ao mesmo tempo *cultura animi* e o conjunto das normas de etiqueta.

*Civilizado* é, ao mesmo tempo, descritivo e normativo. Esse conceito tanto descreve desde as boas maneiras, passando pelas artes ditas refinadas e as novas técnicas, quanto determina as normas que regulam o povo. Em suma, os seres civilizados se julgam superiores aos nomeados bárbaros. De mesmo modo, seguindo o fenômeno cultural da sobreposição do inteligível sobre si mesmo, podemos afirmar que a racionalidade criativa dos povos provocam a alteração de suas próprias regras, retornando, também no seio da civilização, a esse juízo axiológico. O vocábulo foi transposto do latim para outras línguas sem muitas alterações.

O culto iluminista ao autodesenvolvimento humano, consolidado no imaginário coletivo europeu, somado à exaltação do progresso material de grandes nações desse continente, que já desbravavam o mundo pela via dos mares, aguçava o brio dos povos. Para as pessoas, o refinamento pessoal, enquanto para as cidades e territórios, o *telos* utópico.

Se vulgarmente os conceitos se aproximam, a literatura etimológica nos ensina tópicos sensíveis que distinguem os termos. *Cultura*, como supracitado, é conjunto dos costumes, das leis e das instituições manifestas por meio do Espírito Objetivo na História. Como pode-se depreender da análise da definição, o termo não apresenta qualquer juízo de valor quanto à sofisticação dos produtos. Esse caráter cria uma diferença entre os vocábulos que tomou fundamental importância histórica.

O contexto histórico da Modernidade, como dito, aguçava o brio dos principais povos europeus. As artes viviam um momento de efervescência, as manufaturas impulsionavam o desenvolvimento econômico. O Novo Mundo fora descoberto, gerando uma corrida marítima: com o aumento das frotas comerciais, aumentaram também as frotas marítimas militares. Esse era, portanto, um cenário de disputa, em que as nações competiam econômica, política e intelectualmente.

A unidade e a organização política eram um diferencial. Os povos germânicos ainda não haviam alcançado a unificação e, assim, cientes do seu atraso, no desenvolvimento de suas ciências, entre *cultura* e *civilização*, optaram por adotar o primeiro, escapando da régua do segundo. Os ingleses e franceses, por sua vez, orgulhosos do sucesso de seus Estados, utilizaram e desenvolveram a ideia de civilização. O vocábulo, então, passou a representar o “orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade”<sup>15</sup>, e ganhou uma significação universalizante dos valores, costumes, leis e instituições desses países. Esse fenômeno, por conseguinte, representou uma importante arma política e geoestratégica para essas potências.

“Até certo ponto, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que a possuem – deveria sê-lo. [...] Em contraste, o conceito alemão de Kultur dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos.”<sup>16</sup>

Continua o autor:

“Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de Kultur reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessantemente e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual.”<sup>17</sup>

A civilização Ocidental atravessou a Modernidade e chegou à contemporaneidade com a mesma pretensão universalizante. Econômica e politicamente, mantivemos uma posição de liderança. Os Direitos Humanos, enquanto tratativas de um quociente jurídico mínimo entre os povos do mundo, são o mais novo paladino dos valores e das tradições ocidentais. O Direito, por natureza, é o *maximum* ético da cultura ocidental que o produziu.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. 1. p. 24. apud. HORTA, MACIEL. Op. cit., p. 256.

<sup>16</sup> ELIAS, Norbert. Op. cit. p. 25. apud. HORTA, MACIEL. Op. cit., p. 257.

<sup>17</sup> ELIAS, Norbert. Op. cit. p. 25. apud. HORTA, MACIEL. Op. cit., p. 258.

<sup>18</sup> HORTA, MACIEL. p. 262.

### 3 ESTADO

O Estado é o momento último da manifestação do Espírito Objetivo. O imperativo de racionalidade, impulsionado pela criatividade criadora, orientado pelos valores de um povo, criam seus costumes, sedimentados nas suas leis, que constituem suas instituições, reunidas sob a forma do Estado. É, portanto, tanto a identidade de um povo quanto seu legado na História.

“Se o conjunto das consciências individuais integradas constitui o povo e o espírito coletivo que dele é expresso como nação, então há que se agregar outros elementos a esta caracterização, como o lugar físico da natureza onde esta consciência coletiva está (o território), a forma e o poder de organização da consciência coletiva (política e soberania), a língua que utiliza para sua comunicação, bem como todos os demais bens culturais que criou ao longo de sua história, para que possa se manifestar como nação. Esta última é espírito coletivo de todas as consciências individuais agregado por todos os seus próprios bens culturais.”<sup>19</sup>

O domínio de uma nação sobre outra não se restringe ao campo militar. Como vimos, exportar seus costumes, leis e instituições é uma importante arma geopolítica. A pretensão universalista ocidental se organiza hoje prioritariamente para liderar mercados e ideias. Para tanto, a noção moderna cientificamente desenvolvida de civilização, empresta à narrativa política e econômica seu negativo: a barbárie.

A partir do juízo axiológico, tão tradicional no ocidente, ao qual é emprestado a força de seus autores, matrizes culturais diferentes são demonizadas e preteridas, em detrimento das sacralizadas tradições sócio-político-econômicas europeias. Os Estados passaram a instrumentalizar suas culturas como instrumento de dominação, ofertando seus valores a um mundo globalizado. Finalmente, e por aqui, ao menos por hora, concluimos essa passagem inteligível pela História, Cardoso afirma:

“O choque das civilizações ocorre com o deslocamento do *front* de combate potencial das nações para a cultura. É, antes, um embate de matrizes culturais do que propriamente uma ameaça bélica.”<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> CARDOSO, p. 6.

<sup>20</sup> CARDOSO, p. 101.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPARATO, Fábio. *A afirmação histórica dos Direitos Humanos*. São Paulo, Revista e Ampliada, n. 3, ano 2003.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 1943. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – São Paulo, Editora UNESP, 2005.

HORTA, José Luiz Borges; RAMOS, Marcelo Maciel. *Entre as veredas da cultura e da civilização*. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Filosofia, ano 58, n° 233, jul-dez/2009.

CARDOSO, Paulo Roberto. *Diatética Cultural: Estado, soberania e defesa cultural*. Belo Horizonte, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ABDGJU>> [Acessado em 08/02/2022].